



BLITZKRIEG

Pelo Ten.-Cel. LIMA FIGUEIRÊDO

De regresso do Japão, onde foi como nosso "Observador Militar", o Ten. Cel. Lima Figueirêdo realizou uma brilhante série de conferências. Em uma delas discorreu sobre os engenhos mecânicos e a aviação e traçou os novos princípios de emprego destas armas modernas, segundo o que viu e anotou durante as ações do chamado "Incidente sino-japonês".

Estes princípios, aplicados em maior escala, são semelhantes aos usados para fazer a "Blitzkrieg".

O Ten. Cel. Lima Figueirêdo está, portanto, altamente credenciado para tratar de assunto de tão palpitante e vital interesse e ele o faz com o brilho de sua pena privilegiada.

Se a França em 1914 foi pegada, pelo adversário, desprevenida, agora o foi desprevenidíssima. Custa acreditar-se que todos os melhoramentos introduzidos na arte bélica pelos germânicos fossem desconhecidos das demais nações. Com certeza dêles tiveram conhecimento, mas não criam que uma guerra pudesse tão cedo ensanguentar a Europa.

A guerra relâmpago levada a efeito através da Polônia, Dinamarca, Noruega, Países-Baixos e França, reduzindo à impotência, em menos de nove meses, oito países, alguns dos quais considerados potências militares de primeira grandeza, é a prova insofismável de que um pacifismo criminoso havia amarrado as mãos daquelas nações que não puderam enfrentar a arremetida fulminante do invasor.

Pelas notícias que agora chegam de França, trazidas pela imprensa, vemos que os chefes gaulêses já admitem, como causa do colapso do seu exército, outrora tão glorioso, a falta de equipamento, a deficiência de efetivos e ausência de decisão.

Já dizia o imorredouro marechal Foch que se não luta com homens contra material; e durante os quatro longos anos

da campanha passada, sua afirmativa foi confirmada em tôda plenitude. Nesta guerra, é o próprio bravo de Verdun quem assevera que a superioridade aérea alemã era de seis contra um. Afirma ainda Petain: "Repetidas vezes vi três ou quatro aparelhos de caça francêses atacarem esquadrilhas massiças de 60 a 80 aviões de bombardeio germânicos protegidos por 40 a 60 caçadores". E' a demonstração clara de que os soldados da França de hoje possuem ainda as mesmas virtudes e o mesmo espírito de sacrifício que tantas vitórias e louros alcançaram nos dias esplendorosos de felicidade da sua pátria imortal.

Ouçamos ainda Petain: "Os alemães organizaram seu ataque aéreo de maneira a fazer uso dos aviões pesados e dos leves com metralhadoras. Podiam lançar 300 a 400 aviões contra um setor de apenas oito quilômetros de frente.

Quando a **blitzkrieg** começou com o ataque alemão contra a Holanda e Bélgica, tôda a aviação de ataque francesa contava apenas com 510 aeronaves. Foi somente em Novembro, dois meses depois do início da guerra que os francêses começaram a adextrar pilôtos para os tipos altamente especializados da guerra na terceira dimensão. Tudo isto ainda é argumento para provar que o exército francês descansou nos louros da brilhante vitória de 1918.

Muitas pessoas definem **blitzkrieg** como a guerra de máquinas versus homens. Explica o general americano Henry J. Reilly, no "Times Herald": "**Blitzkrieg** não é máquinas contra homens. Blitzkrieg é homens e máquinas agindo em conjunto. Milhares de aeroplanos e milhares de tanques são necessários. Mas se tais milhares não forem seguidos por milhares de canhões e por centenas de milhares de infantess e, ainda bôa cavalaria, jamais poderão vencer.

Consoante estimativa de fonte francesa, junto aos milhares de aeroplanos usados pelos alemães na Bélgica e no Norte da França e oito divisões moto-mecanizadas (aproximadamente 3200 **tanques** e 400 carros blindados), havia 40 divisões de infantaria com número aproximado de 700.000 homens. E a divisão de infantaria alemã comporta homens **pé, cavalos** puxando artilharia ligeira e ainda **cavalos** atre-

lados às viaturas dos serviços provedores e de evacuação divisionária.

Muita gente, e até militares, pensa que o motor tomou conta de tudo, que na guerra atual não há nem homens a pé, nem o emprêgo dos cavalos no combate e nos transportes. Há quem diga que a cavalaria, tão aureolada na idade medieval, chegou ao fim de seus dias. Entretanto nada mais errado — sòmente os canhões anti-carros, a artilharia anti-aérea e a artilharia pesada são motorizadas. Das 202 divisões de infantaria alemães apenas 13 são totalmente motorizadas. Além disso, cada uma das oito divisões de que falamos acima tinham uma brigada de infantaria motorizada de dois batalhões de infantaria, um batalhão de infantaria em motocicletas, um regimento de artilharia motorizada, canhões anti-carros motorizados, engenharia motorizada (para reparar pontes e remover obstáculos) e tropa de transmissão, também, motorizada.

Os altos chefes alemães tinham em mente as lições aprendidas na guerra civil da Espanha, de que carros de combate ou carros blindados nada podem fazer sozinhos ou apenas apoiados pela aviação. E por isso providenciaram, para que sempre tivessem o apóio eficaz da infantaria e da sua irmã desvelada — a artilharia, rebocada esta por truques motores e transportada aquela em caminhões de grande capacidade.

Tudo isto que acabamos de expor era doutrina sabida e aplicada pelos francêses; e nossos esforçados mestres da missão militar não se cansavam de repetir: “carro isolado é carro parado e carro destruído”. Portanto, não houve novidade nesse emprêgo que constituiu o coração do sucesso da **blitzkrieg**.

Vi, na China, os japonêses largarem seus carros em busca do inimigo, apoiados sòmente pela aviação, que também os abastecia por meio de toneis lançados em para-quedas. Mas no Extremo-Oriente as condições de guerra são cem por cento diferentes das do teatro europeu.

O segredo do êxito não estava na fôrça que os germanos possuíam e sim na escolha do ponto de aplicação dessa fôrça. E' mistér eleger um ponto sem resistêcia ou de fraca resistêcia e aí aplicá-la violentamente, num **push** enérgico, de mo-

do que uma cunha seja cravada bem a fundo no âmago do dispositivo inimigo. Depois... é só alargar a brecha produzida, transtornando tôda defesa adversa... Os nipões empregam êsse mesmo processo. E nós aqui já tínhamos recebido lições de que, para o ataque, deveríamos agrupar a maior quantidade de artilharia no ponto em que quizessemos produzir a brecha no **front** inimigo, dando uma forte martelada com os nossos obúses, a-fim-de que, atrás dêles, a infantaria se jogasse com ímpeto, furando o dispositivo adverso. Aprendemos outrossim que as reservas devem ser orientadas em proveito das tropas que progridem. Assim sendo a doutrina que foi utilizada pelos valorosos soldados da cruz suástica, já era do conhecimento mundial. Êles melhoraram o machado para cortar a árvore, obtendo rendimento ótimo — aumentaram a tonelagem dos tanques, a potência do armamento, etc..

Há ainda uma coisa que não devemos esquecer que, sempre, enquanto marchavam ou combatiam, tôdas as partes das tropas no campo de batalha recebiam decidido apôio da aeronáutica, deixando patente que o principal dever das asas de guerra alemãs é **combater**. Estradas de ferro distantes ou centros industriais importantes foram relegados a secundária urgência.

Uma divisão motorizada se escalona largamente em profundidade. Na frente, como olhos prescutores e vigilantes, vão os carros blindados de reconhecimento, uma companhia de infantes motociclistas e morteiros de infantaria. A aviação vai escoltando esta espécie de cabeça, empurrando-a tão longe quanto possa ir. Logo atrás seguem 400 tanques de choque e parte da brigada de infantaria motorizada. Onde a resistência fôr demasiado forte para o escalão de reconhecimento, o choque e os infantes entram em ação, sempre firmemente apoiados pelos seus próprios aviões que bombardeiam e metralham sem tréguas o inimigo. Se ainda assim a resistência não possa ser superada, a divisão couraçada desliza ràpidamente para um ou outro flanco, fazendo golpes de sondagem no inimigo, indo e vindo nas suas arremetidas, várias vezes.

Quando chega a divisão de infantaria, a pé, com sua artilharia e sempre com o apôio cerrado da aviação, que metralha e lança bombas, prepara e desencadeia o ataque. E o movimento continua . .

Assim, diz o general Reilly, está claro que não é a aviação, os carros blindados e os tanques, abrangidos numa só palavra — máquinas, que são empregadas contra homens, mas máquinas com homens a pé e cavalos puxando a artilharia.

E a cavalaria ? Morreu ? Não ! Está viva como na época dos grandes "raides". Ela cobre os flancos da infantaria a pé e explora e combate nas regiões de grandes cortes do terreno ou de florestas, onde as tropas motorizadas não podem ir.

Foi empregando êste método que os alemães abriram um largo corredor até ao litoral da Mancha, cortando, isolando do conjunto, um respeitável exército de elementos ingleses, belgas e francêses.

O primeiro furo obtido pelos germânicos foi a oeste de Sedan, após um encarniçado e pesado ataque de infantaria que se seguiu a um bombardeio de artilharia com violência quicá nunca atingida nas inúmeras batalhas registradas na história. Afirmam que os projétis utilizados penetravam na massa cobridora, de cimento, e desenvolviam tal quantidade de calor que ninguém podia permanecer sob seu abrigo. Depois de muito pelejar, aquele furo foi-se transformando em largo buraco, por onde passou a divisão mecanizada firmemente apoiada pela aviação. Essa fôrça gigantesca engajou-se de início contra a retaguarda do exército franco-britânico que se movia na linde norte francesa para correr em socorro da Bélgica. Agiram com firme propósito de cortar aquele exército do restante das fôrças aliadas, como se separa um feto da matriz. Enquanto isto as divisões de infantaria chegavam, lentamente, com o fito de obter duas cousas — não permitir que o exército que se passara para o país do rei Leopoldo volvesse à França, e fazer face ao principal exército francês que cruzara o Aisne e o Somme, para vir em auxílio dos que combatiam no Mosa.

Aqui está o principal, o essencial; o resto, todos nós sabemos como acabou. Os alemães venceram, porque aplicaram sãbiamente os princípios de guerra e tinham meios em abundância para fazer valer sua vontade. Além disso empregaram tôda sua aviação no combate, relegando para outra oportunidade os objetivos longínquos. De resto foram previdentes preparando de longa data a nação para a guerra.

Do lado francês a cousa se passava de maneira diferente. Não que o soldado da França fosse menos forte, peor instruído e com menor espírito marciano, mas sim, porque os dirigentes da grande pátria de Napoleão e Foch depois de cederem a custo os créditos para levantar as obras monumentais da linha Maginot, fecharam quasi que completamente as portas do tesouro, ao Exército.

E' o próprio marechal Petain, grande e bravo nas jornadas de glória, sublime e magnífico nos dias de desdita, que nos diz: "segundo o cálculo mais otimista o número de tanques francêses era aproximadamente de 2.500, e muitos dêles não eram modernos. No nono exército do general Corap, o qual foi rompido pelos alemães no início de sua ofensiva, vi tanques de 1918 em ação. A falta de equipamento, de transmissões e transporte de Corap era tão pronunciada, que membros do seu estado-maior me disseram, dias antes dos alemães os capturarem, que era difficilima a ligação entre o quartel-general e o estado-maior. Ao mesmo tempo que os germanos concentravam suas divisões mecanizadas contra setores estreitos, para obterem o efeito máximo, os francêses dispersavam seus carros ao longo do "front", distribuindo três companhias de quatro carros cada uma, para as divisões mecanizadas judiciosamente localizadas. A divisão blindada francesa designada para defender a importante cabeça de ponte de Rethel, no rio Aisne, perto da linha Maginot, foi forçada a empregar os tanques inimigos capturados para manter sua posição. Muitas divisões francesas estavam fracamente equipadas com defesas contra tanques".

Assim caiu a gloriosa França. Sua queda é um espelho no qual se devem mirar todos os povos que odeiam os soldados, embalados por sonhos falaciosos duma união fraterna de todos os habitantes da terra...